

## António Ventura, *José Régio e a Política* \* Eunice Ribeiro

Depois das devidas saudações a todos quantos nesta sala se reúnem, começaria naturalmente por agradecer ao Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho – na pessoa do Professor Norberto Cunha – a ocasião que me proporcionou de estar hoje aqui conversando a propósito de um livro de António Ventura, a quem também devo uma preciosa colaboração (desculpem-me este parêntesis memorialístico...) quando errava por terras portalegrenses nas minhas pessoais “escavações” regianas.

O volume que agora temos em mãos – *José Régio e a Política* – testemunha um notável trabalho de investigação que vem na sequência de um já longo exercício de pesquisa e reflexão sobre a figura de José Régio, no que toca particularmente os seus escritos não-literários: a epistolografia e os artigos de imprensa, com particular destaque para a imprensa portalegrense e o semanário *A Rabeca*. Desse exercício são já conhecidos diversos frutos editoriais:

---

\* Texto lido na sessão de apresentação do livro “José Régio e a política”, iniciativa do Centro de Estudos Lusíadas e da Biblioteca Pública de Braga realizada no Museu Nogueira da Silva em 19 de Outubro de 2000.

para além dos muitos estudos publicados em revistas diversas, destacaria os volumes de correspondência editados pelo Círculo de Leitores e pelo Centro de Estudos "José Régio" (editando, este último, as cartas trocadas entre José Régio e António Sérgio e entre Régio e seus pais) e ainda os *Escritos de Portalegre*, de 1984, livro em parte retomado agora neste *José Régio e a Política* e acrescentado de novos textos. Ao todo, o presente volume reúne catorze artigos de Régio (para além de documentação fotográfica), amplamente comentados e contextualizados nas páginas introdutórias de António Ventura.

Não me vou pronunciar – não o poderia sequer – sobre a ideologia ou a filosofia política de Régio. Neste âmbito, seria o próprio Professor Norberto Cunha orador mais indicado; quis ele pregar-me esta pequena "partida" que eu agora lhe devolvo reservando-lhe o tema e as palavras e cingindo-me, entretanto, a falar sobre o Livro que agora vem a lume, o importante lugar que ocupa na bibliografia sobre José Régio.

São os nascimentos – e também os dos livros – ocasiões sempre memoráveis. E se até para os "maus livros" não deixa isto de ter alguma verdade, muito mais a terá no caso do livro que agora se dá à estampa, uma genuína homenagem a José Régio. Não só pela coincidência (?) da data em que surge, às portas do centenário do nascimento do Autor, como sobretudo por ser um livro profundamente desmi(s)tificador – e não é nada fácil conceber um livro assim. Trata-se, efectivamente, de um livro que descongela mitos. E se qualquer figura literária ou artística acaba, enfim, por ser o resultado de uma cristalização que lhe veio a impor a história e a crítica literárias/artísticas, José Régio parece ser, sem dúvida, das figuras mais maltratadas e redutoramente "fixadas" no panorama da literatura e da cultura portuguesas do século XX. Bastará pensarmos no seu quase completo "esquecimento", na sua quase completa "rasura" ao nível dos *curricula* académicos actuais. Facto tanto mais curioso quanto José Régio demonstrou ser uma figura invulgarmente polifacetada: os que ainda o conhecem ou dele se lembram identificam-no quase sempre como "apenas" um Autor, como "apenas" um Poeta – o dos *Poemas de Deus e do Diabo* ou, talvez ainda mais restritivamente, o do "Cântico Negro", coisa que certamente arrelhiaria Régio a quem sempre pareceu exagerada a sobrevalorização dada pela crítica a esse seu poema de juventude que assim abafava a sua monumental e restante obra.

Mas Régio foi muito mais além disso: foi um teorizador de mérito, responsável pela conceituação da própria categoria periodológica do *Modernismo português*; foi um crítico – não só literário, mas cinematográfico (a sua conhecida paixão pelo cinema mostrou-a, por exemplo, como co-fundador do Cineclub de Portalegre) e plástico. Para além de ser ele mesmo um desenhador – ou “um desenhista de Domingo”, como disfemicamente se auto-apelidava talvez por confronto com seu irmão Júlio dos Reis Pereira, o pintor “oficial” do grupo da *Presença*. Para já não falar de outras suas predileções: as tapeçarias de Portalegre, de que foi um dos primeiros divulgadores e instigadores; as antiguidades, particularmente a iconografia religiosa que colecionava como um vício, sobretudo durante o seu “exílio” de quase 30 anos em Portalegre, ao ponto de o conhecerem as gentes alentejanas por “homenzinho dos Cristos”, o professor com a mania das coisas velhas...

É necessária uma leitura atenta, profunda, minuciosa, *compreensiva* – para recuperarmos uma noção cara ao próprio Régio –, uma leitura como esta que António Ventura aqui empreende, para se conseguir vencer a inércia dos mitos. É esta leitura que nos redimensiona o perfil de José Maria dos Reis Pereira (cidadão, homem público), acabando inevitavelmente por também redimensionar o de José Régio, o *homem-artista*.

Trata-se de um livro que lê e dá a ler Régio por via da sua escrita para-literária, de uma escrita para-literária muito pouco conhecida – os textos políticos –, subvertendo um dos muitos lugares-comuns que a propósito de Régio se foram engendrando: o seu suposto apoliticismo, uma sua voluntária isenção da vida política onde muitos quiseram ver certa dose de cobardia e de isolacionismo reaccionário, sobretudo durante a década de quarenta e dos conflitos abertos entre neo-realistas e presencistas onde se situa a famosa polémica entre Régio e Cunhal.

Mas aqui outras perplexidades voltam a surgir: a par dessa crítica ao seu assim apelidado “umbilicalismo” narcisista, Régio também acabou por ser acusado de “patrioteiro” e nacionalista *demodé* a propósito da sua posição face à questão ultramarina; e também viu muitas das suas obras apreendidas pela censura: já não me refiro ao *Jogo da Cabra Cega*, onde provavelmente intervinham outros géneros de ingredientes, mas sobretudo às suas peças

dramáticas *Jacob e o Anjo* e *El-Rei Sebastião*. Custa a acreditar que alguém de quem se diz ou se insinua ser anacronicamente “apolítico” (como se tal possível fosse) veja os seus textos sistematicamente alvo de censura. Certo é, porém, que a impopularidade política de Régio muito trouxe à sua impopularidade literária e artística.

O que nos demonstra este sincero exercício de compreensão da postura política de José Régio por parte de A. Ventura desfaz uns quantos de todos aqueles pré-conceitos: se Régio não foi nunca propriamente um “homem da política”, não lhe poderemos negar, apesar de tudo, os vários momentos de intervenção clara e directa na vida política que subscreveu – a adesão ao MUD, as críticas ao Estado Novo em textos de literal denúncia (lembramos tão-só dois textos de 1949: “O recurso ao medo” e “Entre dois regimes”). Momentos inegavelmente entrecortados por períodos de completo desencanto ou desinteresse pelas “coisas da política”, mas que nunca o faziam deixar de ser um “militante” – de uma militância imediatamente ética e apenas mediatamente política ou “escassamente política”, para retomar uma expressão do *Diário Íntimo*. Se “os seus escritos nunca eram de circunstância”, como lucidamente se anota na Introdução do presente livro, se a sua obra literária nunca se inspira directamente em problemas sociais concretos, nunca esses textos deixariam de exprimir uma certa posição política, nunca deixariam de fazer uma certa propaganda: *seja lá ao que for* – nisso tinha decerto razão Álvaro Cunhal quando o disse nas páginas da *Seara Nova*, em 1939, por alturas da sua já citada polémica com Régio.

O paralelo com o âmbito estético parece-me, aliás, elucidativo dessa “forma de estar” regiana, do seu medular cepticismo, do seu contínuo estado de dúvida. Os gestos de sistemática marginalidade, de teimosa heterodoxia que observamos em Régio ao nível da sua postura política tecem uma singular coerência com as suas posições estéticas e teórico-literárias – por entre os imensos paradoxos e incoerências regianos. A opção por uma ideologia de abertura, de eclectismo, de superintegração (e é constante, como se sabe, a afirmação do seu ódio por academias, doutrinas, escolas, *ismos* de qualquer espécie), uma opção que lhe trouxe não poucos dissabores e que lhe dificultou a catalogação ao ponto de se lhe chamar tudo – um clássico, um romântico, um modernista, um expressionista ... –, parece-me típica de quem

sonha demasiado alto, de quem não vê “senão à escala do Mundo”, voltando a citar o *Diário*, via António Ventura. Se há quem leia tal abertura como medo de tomar posição, porque não lê-la como uma comovente resistência ao tempo, no sentido romântico da recuperação do Absoluto e do Eterno: ser tudo para ser Inteiro, para ser Um, para ser absolutamente Livre.

“Se pudesse aderir fosse ao que fosse! Crer no que quer que fosse” – este desabafo íntimo de Régio, que A. Ventura igualmente transcreve, parece-me resumir o cerne da sua complexa personalidade. De novo, agora pela via da política, reencontramos o dilema do *crer não crendo* – que não é “apenas” um dilema religioso ou metafísico, mas atinge todas as esferas de acção de José Régio como homem, como cidadão, como escritor, como artista. As suas várias formas de descrença são sinceríssimas, são a sua particular forma de existir.

Talvez se tenha esquecido Régio (e não terá sido este também um “esquecimento voluntário”?) por não se saber compreendê-lo. Ou por não ser cómoda, por não ser politicamente correcta a sua particular versão de “sinceridade”. Por não “estar na moda” o seu humanismo. Creio que será essa megalómana vontade de ser do seu e de todos os tempos que tornou a presença de José Régio tão insituável, tão frágil no mapa da história literária e cultural portuguesa. Daí que a ninguém, penso, deixe de “tocar”, a leitura preocupadamente isenta de António Ventura no livro que agora vem a lume e que ilumina, ao fim de um século, uma das múltiplas “faces ocultas” dessa figura singular e singularmente polivalente da nossa cultura que foi José Régio. Por isso, todos nós lhe estamos gratos como, estou certa, Régio também o estaria.